

Necessidade da presença da filosofia na formação de crianças e jovens

*Need for the presence of philosophy in the formation
of children and young people*

Marcos Antônio Lorieri

Professor doutor do PPGE – Universidade Nove de Julho.
São Paulo, SP – Brasil
lorieri@sti.com.br

Resumo

Neste texto indaga-se sobre a necessidade e a importância – daí derivada – da filosofia na formação de crianças e jovens. Defende-se esta necessidade e serve-se de argumentos para mostrá-la e de depoimentos de diversos pensadores a esse respeito. Oferece indicações relativas aos conteúdos que, julga, devem ser contemplados no ensino da filosofia nas escolas e apresenta considerações a partir de algumas ideias de Kant e de outros pensadores sobre o ensino da filosofia. Tem como objetivo oferecer contribuições para o debate a respeito do ensino da filosofia.

Palavras chave: Educação. Filosofia. Formação.

Abstract

In this text we investigate about the need and the importance - and hence derived from – the Philosophy in children and youth education. It argues for its need and shows several opinions of philosophers related about that. Also, it includes orientation on the content of Philosophy teaching that should be in schools curricula, as well as it presents some of Kant's ideas and of other thinkers about this teaching. The paper aims to contribute to the discussion on Philosophy teaching.

Key words: Education. Formation. Philosophy.

1 Introdução: necessidade do ensino de filosofia

O ensino da filosofia é indispensável na formação de crianças e jovens pelos aportes formativos que ela oferece e pela sua necessidade na vida das pessoas. Na primeira parte do texto são apresentados elementos e argumentos que visam mostrar a necessidade da filosofia. Na segunda parte argumentar-se-á a respeito do valor educativo ou formativo da filosofia e da necessidade de sua presença na educação. Estas duas partes são seguidas de uma conclusão. O objetivo principal do texto é o de oferecer contribuições para os debates relativos ao ensino de filosofia e à formação de professores para este ensino.

2 Primeira parte: necessidade da filosofia

A filosofia é necessária e, por isso, é importante. Sua necessidade e importância têm sido justificadas porque é uma atividade de reflexão crítica, profunda e compreensiva sobre certos aspectos fundamentais da realidade e de nós mesmos possibilitando-nos produzir significações que nos orientam, de alguma maneira, tanto individualmente quanto coletivamente. Daí três razões para justificar a presença da filosofia na vida humana e no processo educacional: a) a necessidade de reflexão crítica e abrangente sobre certos aspectos fundamentais da realidade e de nós mesmos; b) a necessidade de produzir significações ou sentidos para nossas vidas; c) a necessidade de aprender a colocar em debate significações ou sentidos que sempre estão presentes em qualquer cultura. Há também, nesse processo, uma contribuição para o desenvolvimento da maneira de pensar reflexiva, crítica e compreensiva.

Com relação aos aspectos fundamentais mencionados que merecem a atenção da reflexão crítica dos seres humanos colhem-se, na literatura sobre ensino de filosofia, posições como a de Japiassu que indicam a presença constante de interrogações a respeito deles, ao longo da história:

As grandes interrogações que os filósofos do passado fizeram, permanecem no presente: os homens de hoje continuam a se colocar problemas sobre eles mesmos, sobre a vida, sobre a sociedade, sobre a cultura, sobre o transcendente, etc., que constituem verdadeiros desafios à nossa atividade reflexiva. (JAPIASSU, 1997, p. 104).

Se para alguns, a filosofia como exercício de pensar sobre ou a partir dessas questões é sem sentido, isso não se deve ao fato de as questões terem perdido o interesse, pois como diz Arendt (1995, p. 10), “[...] não que as velhas questões tão antigas quanto o próprio aparecimento do homem sobre a terra tenham se tornado “sem sentido”, mas a maneira pela qual foram feitas e respondidas perdeu a razoabilidade.”

A filosofia, como mostra sua história, coloca-se como desafio buscar respostas para as denominadas por Arendt (1995) de perguntas irrespondíveis que são, segundo ela, aquelas enfrentadas pelo pensamento. Ela faz uma distinção entre pensamento e conhecimento. O pensamento é a busca e a produção do significado, ao passo que o conhecimento é o processo de busca e de produção da verdade. “Essa distinção entre verdade e significado parece-me não só decisiva para qualquer investigação sobre a natureza do pensamento humano, mas parece ser também a consequência necessária da distinção crucial que Kant fez entre razão e intelecto”. (ARENDRT, 1995, p. 45).

Quando distingo verdade e significado, conhecimento e pensamento, e quando insisto na importância desta distinção, não quero negar a conexão entre a busca de significado do pensamento e a busca da verdade do conhecimento. Ao formular as irrespondíveis questões de significado, os homens afirmam-se como seres que interrogam. Por trás de todas as questões cognitivas para as quais os homens encontram respostas escondem-se as questões irrespondíveis que parecem inteiramente vãs e que, desse modo, sempre foram denunciadas. É bem provável que os homens - se viessem a perder o apetite pelo significado que chamamos pensamento e deixassem de formular questões irrespondíveis - perdessem não só a habilidade de produzir aquelas coisas-pensamento a que chamamos obras de arte, como também a capacidade de formular todas as questões respondíveis sobre as quais se funda qualquer civilização. (Ibidem, p. 48).

A filosofia é um grande esforço, jamais encerrado, de articulação de significados. Um esforço perene que implica inclusive em lutas que disputam, historicamente, o “acerto” na constituição das significações e na constituição do próprio

mundo humano a par das e imbricada nas demais determinações deste mundo humano. Constata-se este entendimento na fala de vários autores que definem a filosofia como sendo esta busca.

Chauí (2003, p. 23), após dizer que a atividade filosófica envolve análise, reflexão e crítica, diz:

Estas três atividades (análise, reflexão e crítica) estão orientadas pela elaboração filosófica de idéias gerais sobre a realidade e os seres humanos. Portanto, para que essas atividades se realizem, é preciso que a Filosofia se defina como busca do fundamento (princípios, causas e condições) e do sentido (significação e finalidade) da realidade em suas múltiplas formas, indagando o que essas formas de realidade são, como são e por que são, e procurando as causas que as fazem existir, permanecer, mudar e desaparecer.

Severino (1992, p. 25) afirma o mesmo em relação à busca de sentido ou significação quando diz:

[...] podemos reafirmar que a forma filosófica de conhecimento se apresenta como a busca ilimitada de mais sentido, de mais significação. Transforma-se, então, a Filosofia num esforço do espírito humano com vista a dar conta da significação de todos os aspectos da realidade, com maior profundidade possível e sempre em relação à significação da existência do homem.

Granger (1989, p. 14, grifo do autor) parece caminhar na mesma direção:

Esta intenção oculta que acreditamos que habita toda filosofia, visa organizar não os fatos, mas *significações*. Tomaremos esta palavra tal como existe na linguagem, acentuando, contudo a oposição, de um lado, do significado e do fato e, de outro, acentuando o apelo a uma experiência global – ao menos virtualmente global que envolve experiências imediatamente vividas como parciais e que a “significação” põe em perspectiva.

Paulo Freire (1992, p. 34) acrescenta: “Ao não perceber a realidade como totalidade, na qual se encontram as partes em interação, se perde o homem na visão ‘focalista’ da mesma. A percepção parcializada da realidade rouba ao homem a possibilidade de uma ação autêntica sobre ela.

Saviani, ao comentar a globalidade que, juntamente, com as características da radicalidade e do rigor, identifica a reflexão filosófica, afirma: “[. . .] o problema não pode ser examinado de um modo parcial, mas numa perspectiva de conjunto, relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido.” (1980, p. 24). Aliás, para Saviani, “[. . .] é neste ponto que a Filosofia se distingue da ciência de modo mais marcante”, (Ibidem, p. 24).

É nesta direção, na busca desta perspectiva da significação necessária da realidade e do ser humano, nela que se deve ver o esforço do filosofar. Esforço que busca, como já dito, enfocar as questões irrespondíveis como as que dizem respeito às temáticas relativas à realidade, ao ser humano, ao conhecimento, às maneiras de agir, às manifestações da sensibilidade humana, aos encaminhamentos relativos à maneira de se organizar a sociedade, políticos, portanto e outros. Estas temáticas têm constituído o cerne da reflexão filosófica que se expressa nas áreas de investigação realizadas pelos filósofos ao longo da história e cujos resultados devem estar à disposição de todos: tanto os saberes produzidos, sempre inacabados, quanto as maneiras próprias de produzi-los. Estas áreas são as da ontologia, da antropologia filosófica, da teoria do conhecimento, da ética, da estética, da filosofia política e social, da lógica e outras.

Além de necessário, este esforço do filosofar que enfoca essas temáticas, é profundamente útil, como diz Chauí, ao se opor àqueles que o apontam como um esforço inútil:

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia? Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum, for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos, for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política, for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos, for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil

de todos os saberes de que os seres humanos são capazes. (CHAUÍ, 2003, p. 24).

Não se trata de uma utilidade qualquer: a Filosofia é útil porque necessária. E necessária porque nos livra da banalização da vida, da simploriedade, da ingenuidade. Filosofar é coisa séria porque diz respeito à seriedade que é a própria vida humana.

3 Segunda parte: valor formativo da filosofia e necessidade de sua presença na educação

Se as respostas às questões fundamentais – campo específico da investigação filosófica – são necessárias, a quem compete produzi-las? Não cabe pensar em apenas algumas pessoas produzindo-as. Cabe, sim, pensar que todos devam participar de amplas discussões para a sua produção, para a sua re-elaboração contínua e continuada, na medida das exigências históricas e para sua constante análise crítica. Como, porém, as pessoas poderão participar dessas discussões se não tiverem oportunidades de se preparar para isso, envolvendo-se, desde cedo, em tal exercício? Isso indica a necessidade da presença da filosofia no processo educativo em geral e, em particular, no processo educativo escolar.

O preparo para o filosofar envolve o esforço para que sejam mantidas em foco as questões fundamentais, envolve o seu tratamento reflexivo continuado como forma de possibilitar melhor compreensão das mesmas, de seu alcance humano, social e político, etc. e envolve o esforço progressivo de aprendizagem das exigências básicas do método do filosofar.

As crianças e os jovens buscam pelas significações para, nelas, situar suas experiências singulares de vida humana. Encontram-nas aprontadas no seu cultural e são, dentro de um tipo de educação “domesticadora” (Paulo Freire), levadas a aceitá-las “docilmente”, submissamente. Tais “significações aprontadas” servem sempre a interesses consolidados ou a formas de viver que podem não mais atender às novas necessidades que irrompem sempre no dinamismo histórico da própria humanidade. A construção renovadora da humanidade exige a reconstrução de suas próprias significações o que é uma tarefa de todos e não apenas de alguns “iluminados” que tentam sempre impô-las a serviço de interesses particularistas.

Fazer isso desde cedo, na educação escolar, é tentar fazer filosofia como Educação. Pois a filosofia é principalmente educação da própria humanidade em cada ser humano. Chauí, no prefácio do livro de Olgária Matos *Filosofia: a polifonia da razão nos diz* que, nele, “[...] não leremos ‘filosofias da educação’, mas veremos o projeto da filosofia como educação”. (MATOS, 1997, p. 5). Nas “primeiras palavras”, do referido livro, a autora nos remete aos gregos e afirma que, com certeza, eles não se enganaram ao propor o exercício do filosofar. Ela aproxima o filosofar do “pensar bem”: “se é preciso pensar bem, é para viver melhor”. Aponta, aí, o pensar bem do filosofar como uma medicina da alma, um *pharmakon*. “A filosofia forma almas fortes pelo exercício da análise de si e do pensamento autônomo.” (MATOS, 1997, p. 7). E diz mais, citando palavras de Epicuro:

O *pharmakon* filosófico é o discurso terapêutico que busca a autarquia da alma e do corpo, o domínio da dor do corpo e da alma pela filosofia: “nunca se adie o filosofar quando se é jovem, nem [se] canse de fazê-lo quando se é velho, pois que ninguém é jamais pouco maduro nem demasiado maduro para conquistar a saúde da alma. E quem diz que a hora do filosofar ainda não chegou ou já passou assemelha-se ao que diz que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz.” (Ibidem, p.8).

Lipman (1990, p. 20) defende que o valor educativo da filosofia seja posto à disposição das crianças e jovens, o mais cedo possível: “Talvez em nenhum outro lugar a filosofia seja mais bem-vinda do que no início da educação escolar, até agora um deserto de oportunidades perdidas.” E diz ainda: “A filosofia oferece um *forum* no qual as crianças podem descobrir, por si mesmas, a relevância, para suas vidas, dos ideais que norteiam a vida de todas as pessoas.” (Idem, 1990, p.13).

Não só os descubrem por si mesmas, mas, se são criadas condições para que estudem, analisem e investiguem juntas estes ideais e os coloquem sob a mira de exames rigorosos, serão ajudadas a não serem passivas frente a eles e sim ativas na sua contínua articulação.

Para muitos adultos a experiência de se admirar e refletir nunca exerceu nenhuma influência sobre suas vidas. Assim, estes adultos

deixaram de questionar e de buscar os significados de sua experiência e, finalmente, se tornaram exemplos de aceitação passiva que as crianças acatam como modelos para sua própria conduta. Desse modo a proibição de se admirar e questionar se transmite de geração para geração. Em pouco tempo, as crianças que agora estão na escola serão pais. Se pudermos, de algum modo, preservar o seu senso natural de deslumbramento, sua prontidão em buscar o significado e sua vontade de compreender o porque de as coisas serem como são, haverá uma esperança de que ao menos essa geração não sirva a seus próprios filhos como modelo de aceitação passiva. (LIPMAN; SHARP; OSKANIAN, 1994, p. 55).

Além de atender à necessidade de produção das significações, através da busca incessante por respostas às questões fundamentais, o ensino da filosofia auxilia no necessário aprendizado de se colocar sob o crivo da reflexão crítica as significações ou sentidos que sempre estão presentes em qualquer cultura e que são utilizados para orientar e justificar maneiras de ser, de agir e de pensar dos membros de qualquer sociedade. A filosofia é uma grande ajuda nessa direção, pois, como diz Chauí (2003, p. 17-18), um dos entendimentos possíveis de fazer filosofia poderia ser: “Decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as idéias os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.”

Severino (2002, p. 185), ao tratar da necessidade da filosofia na educação fala em desenvolvimento da “[. . .] sensibilidade para a compreensão da existência [. . .]” como aspecto necessário da formação humana. Essa formação implica em desenvolver a subjetividade com as suas variadas formas de sensibilidade: sensibilidade ou percepção de conceitos; sensibilidade relativa aos valores morais e estéticos, aos valores políticos, etc. “É toda esta esfera do exercício da dimensão subjetiva da pessoa que nos torna efetivamente humanos [. . .]”, diz ele (Ibidem, p. 185), entendendo a dimensão subjetiva como a:

Capacidade que temos de poder identificar, de atribuir sentidos ou significações às coisas e situações e de poder agir de acordo com esses sentidos e não mecanicamente por força dos instintos ou de

outros fatores físicos, químicos, biológicos, psíquicos, ou melhor, a capacidade de sobrepor a esses fatores naturais um elemento diferenciado, um motivo significador, que dá sentido a nossos atos. (SEVERINO, 2002, p. 186).

Ora, se toda forma de educação visa à formação humana, se a formação humana implica a capacidade de atribuir ou produzir significações e, se a filosofia é a forma de conhecimento específica para tal produção, é forçoso concluir pela sua necessidade no processo educacional. “É por tudo isso que não pode haver educação, verdadeiramente formativa, sem a participação, sem o exercício e o cultivo da filosofia, em todos os momentos de formação de pessoas, do ensino fundamental ao superior.” (idem, p. 187).

Morin traz, também, contribuições sobre a necessidade da filosofia na educação. Ele propõe que se recupere a importância da filosofia que faz parte da cultura humanista. “A cultura humanista é uma cultura geral que, por meio da filosofia, do ensaio e da literatura coloca problemas humanos fundamentais e incita à reflexão.” (MORIN, 2002, p. 17). Diz ainda que o “conveniente desta cultura” é o “[. . .] interrogar-se sobre o homem, a sociedade, o destino, a vida, a morte, o outro lado.” (MORIN, 2000, p. 29). E “[. . .] é uma cultura que permite reflexão, meditação. É uma cultura que permanece num nível de problemas em que o conhecimento está ligado à vida de cada um e à sua vontade de se situar no universo.” (Ibidem, p. 30). Dois importantes papéis educativos do filosofar: provocar e manter vivo o interesse pelos problemas humanos fundamentais e provocar para a reflexão, para a crítica, para o exame rigoroso das ideias. Não só provocar, mas ajudar a desenvolver esta forma de pensamento.

Segundo Gallo e Kohan (2000, p. 195), a filosofia contribui para o desenvolvimento de um pensamento autônomo que é condição necessária para que as pessoas sejam capazes de escolhas conscientes. “Pensamos que uma educação para a autonomia, no sentido da formação de indivíduos que possam escolher por si mesmos em que mundo querem viver, só pode ser tal se nela tiver lugar a filosofia.”

Algumas ideias de Kant auxiliam na reflexão sobre o lugar da filosofia na experiência educativa. Diz ele que o ensino para a juventude sempre envolve algumas dificuldades e aponta que uma delas é a de se ter que ensinar certos conteúdos para os quais os alunos ainda não estão plenamente amadurecidos

intelectualmente. Esta é uma dificuldade que não se pode evitar, mas que deve ser enfrentada. Propõe que se cuide do desenvolvimento da capacidade de compreensão dos alunos ao mesmo tempo em que lhes são oferecidos os conteúdos de conhecimentos já produzidos. Oferecer apenas os conteúdos prontos pode ocasionar o fato de o aluno se tornar apenas “[...] portador de uma ciência de empréstimo, que nele estará, por assim dizer, apenas grudada e não desenvolvida, ao passo que suas aptidões mentais permanecerão tão estéreis como dantes.” (KANT, 2003, p. 173). Ele propõe um caminhar através do qual os jovens possam ser ajudados a se educarem ou a se formarem: mesmo que seja um caminhar que se adiante aos anos ou à ordem natural. O progresso natural do entendimento, afirma, se dá passando-se pela experiência que possibilita os juízos intuitivos os quais podem nos levar aos conceitos e estes serão, então, colocados pela razão em relação com as razões e com as consequências deles, para serem finalmente discernidos por meio da ciência num todo bem ordenado. Esse deveria ser o caminho do ensino formativo. Daí o que se espera de um professor: que ele forme “[...] primeiro o homem *sensato*, depois o homem *racional* e, por fim o *douto*.” (KANT, 2003, p. 174, grifos do autor). Com essa maneira de fazer o ensino formativo, mesmo que o aluno não se torne um douto, terá “[...] ganho alguma coisa com o ensino e se ter(á) tornado mais exercitado e mais atinado, senão perante a escola, pelo menos, perante a vida.” (Ibidem, p. 174).

Pode-se aprender a ser mais atinado. A ser uma pessoa com mais tino. Palavra quase em desuso porque, talvez, não tem sido isso o que se busca na formação. Segundo o *Novo Aurélio Século XXI: o novo dicionário da língua portuguesa* (1999), tino significa juízo, discernimento. E atinado indica “[...] quem tem tino e prudência; ajuizado, discreto, atilado; inteligente e astuto.”

Kant propõe que a formação escolar auxilie nessa direção. Isto é, que a escola não se restrinja a “ensinar *pensamentos*, mas a *pensar*,” e nem que os educadores carreguem ou conduzam o aluno, mas que o guiem se querem que seja apto a “caminhar” por si próprio: “não se deve *carregá-lo*, mas *guiá-lo*, se se quer que ele seja apto no futuro a *caminhar* por si próprio.” (KANT, 2003, p. 174, grifos do autor). Ao se reportar ao ensino da filosofia propriamente dito, ele diz:

O adolescente que acabou sua formação escolar estava acostumado a aprender. Ele pensa que, de agora em diante, vai *aprender*

Filosofia, o que, porém é impossível, pois agora ele deve *aprender a filosofar*.

[...]

O método peculiar do ensino na Filosofia é *zetético*, como lhe chamavam os Antigos (de *zetein*) isto é, *investigante*, e só se torna *dogmático*, isto é *decidido*, no caso de uma razão mais exercitada em diferentes questões. Também o autor filosófico em que nos baseamos no ensino deve ser considerado, não como o modelo do juízo, mas apenas como o ensejo de julgarmos nós próprios sobre e até mesmo contra ele; e o método de refletir e concluir *por conta própria*, é aquilo cujo domínio o aprendiz está a rigor buscando, o qual também é o único que lhe pode ser útil, de tal sorte que os discernimentos decididos que por ventura se tenha obtido ao mesmo tempo têm que ser considerados como conseqüências contingentes dele, conseqüências estas para cuja plena abundância ele só tem de plantar em si mesmo a raiz fecunda. (KANT, 2003, p. 173-175).

“Semelhante didática exige-a a própria natureza da Filosofia” ele diz e propõe que não se ensine apenas pensamentos já pensados. Mesmo ao se utilizar de autores, o que se deve procurar ensinar é “o método de refletir e concluir *por conta própria*”: método que se aprende através do método apropriado de ensino da Filosofia que deve ser o método “*zetético*, como lhe chamavam os Antigos (de *zetein*) isto é, *investigante*. Kant propõe um ensino de filosofia voltado para a autonomia do pensar.

Não é possível separar filosofia e educação. E, se educação é necessidade óbvia, óbvia se torna a necessidade da filosofia que dela não pode se desprender, pois ambas se perguntam pelo ser humano a ser “formado” e isto depende de uma interpretação do homem, da sociedade, do seu tempo. Sem tal interpretação não há educação: sem filosofia não há sentido, direção, para a educação. E nem para vida. Mesmo sabendo que as direções não estão definitivamente claras para quem educa e nem para quem vive, há sempre direções em disputa em cada cultural. É necessário identificá-las, avaliá-las e definir-se por alguma. Este é um movimento de participação e, para realizá-lo, é preciso saber fazê-lo: daí a necessidade de todos saberem fazer filosofia. Todos, e não apenas alguns que podem querer arrogar-se

o direito de impor aos demais suas escolhas direcionadoras. Importante porque necessária, a filosofia não pode estar ausente dos processos de educação.

4 Considerações finais

Afirmamos a importância da filosofia pela sua necessidade na vida humana. A atividade do filosofar, que é uma forma de produção de saber, é própria dos seres humanos que a desenvolvem para atender à necessidade de investigar a respeito do que foi denominado no texto de “questões fundamentais” ou de “perguntas irrespondíveis” (ARENDDT, 1995). Perguntas essas que é preciso se colocar e para as quais é preciso buscar respostas, mesmo sabendo serem provisórias. Além disso, ela é necessária para que as pessoas possam colocar sob exame reflexivo e crítico as respostas dadas em cada cultura a essas mesmas questões ou perguntas. Há sempre respostas a elas porque há sempre pessoas produzindo-as e há sempre a proposição dessas respostas como sendo as respostas convenientes para todos. Nem sempre assim é. Daí a necessidade de se saber examiná-las reflexiva e criticamente. Estas e outras razões foram apontadas para indicar a necessidade da filosofia.

Ocorre, porém, que o filosofar depende de aprendizado, pois não se o faz espontaneamente. Se assim é, deve ser aprendido este fazer. Ele deve fazer parte da formação ou da educação das pessoas. Filosofia e educação se imbricam necessariamente.

Referências

- ARENDDT, Hanna. *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- GRANGER. Gilles Gaston. *Por um conhecimento filosófico*. Campinas. Papyrus, 1989.
- KANT, Immanuel. *Lógica*. 3. ed. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. (Biblioteca Tempo Universitário).

- _____. Sobre a pedagogia. Tradução Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.
- KOHAN, Walter Omar.; GALLO, Sílvio. *Filosofia no Ensino Médio*. Petrópolis:Vozes, 2000.
- LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.
- LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret.; OSKANIAN, F. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- JAPIASSÚ, H. *Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje*. São Paulo: Letras & Letras, 1997.
- MATOS, Olgária. *Filosofia, a polifonia da razão: filosofia e educação*. São Paulo: Scipione, 1997.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 7. ed. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MORIN, Edgard.; LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. Tradução Nurimar M. falci. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1980.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia da educação*. São Paulo: FTD, 1992.
- _____. A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial. In: KHOAN, W. *Ensino de filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

recebido em 3 maio 2011 / aprovado em 7 jul. 2011

Para referenciar este texto:

LORIERI, M. A. Necessidade da presença da filosofia na formação de crianças e jovens. *Dialogia*, São Paulo, n. 13, p. 59-71, 2011.
